

# Uma geração sente saudade

## ■ Qualidade do ensino marcou muitos ex-alunos

O economista e engenheiro Carlos Alberto Cosenza, 59 anos, vice-diretor da Coordenação de Programas de Pós-Graduação em Engenharia da UFRJ (Coppe), aprendeu as operações matemáticas fundamentais na Escola Municipal República Argentina, em Vila Isabel, onde fez o curso primário. Pós-PhD em Modelagem Matemática pela Universidade de Cambridge, na Inglaterra, ele faz parte de uma geração que cursou uma escola de qualidade, com recursos materiais e professores preparados. Assim como Cosenza, até três décadas atrás, os filhos da classe média eram matriculados em escolas públicas por opção e não por questões financeiras.

“Os professores tinham uma didática excepcional. Me interessei por Matemática naquela época”, conta. Ele lembra que para desenvolver o raciocínio matemático dos alunos, a professora usava figuras geométricas de madeira. Hoje, até o giz, instrumento de trabalho elementar, virou artigo de luxo em algumas escolas. Para a ex-secretária de Educação e professora da UFRJ, Maria Yedda Linhares, a escola pública viveu anos gloriosos entre as décadas de 20 e meados dos anos 60. Além do Colégio Pedro II e do colégio Militar, por exemplo, muitas escolas públicas funcionavam bem. “A intelectualidade brasileira era comprometida com a construção da nação. A educação caminhava junto com a estruturação do país”, diz. Segundo ela, havia investimento na construção e manutenção das escolas e no aperfeiçoamento dos professores.

“Com meu primeiro salário comprei uma pulseira de ouro. Os professores eram profissionais respeitados”, conta a diretora do Departamento de Edu-

cação da PUC-RJ, Zaia Brandão. “A partir da década de 60, as condições de trabalho do professor começaram a se deteriorar”, afirma.

O lobby dos donos das escolas particulares também foi decisivo para a decadência do ensino público. Os conselhos federal e estadual de Educação, que tratam da legislação do setor e têm entre os integrantes donos de colégios, aprovou a extinção do concurso de seleção nas escolas públicas, diminuiu o currículo mínimo e as exigências do conteúdo. “O grande e belo projeto de educação no Brasil não se concretizou”, lamenta Maria Yedda.

“Hoje, quem quer bem ao seu filho faz de tudo para mantê-lo num colégio particular”, observa o criminalista Clóvis Sahione, 57 anos, ex-aluno da Escola Municipal Duque de Caxias, no Grajaú, que curiosamente hoje advoga para as escolas particulares. Ele conta que era obrigado

a ler em voz alta, para compreender melhor o texto e ter boa dicção. Sahione reclama que o ensino público tornou-se um “laboratório político”. Também ex-aluna de escola pública, Daisy Cook, 48 anos, gerente de Recursos Humanos da Shell, jura que nunca sofreu com a falta de professoras: “Elas eram rigorosíssimas. Passavam muito dever de casa”.

A jornalista Scarlet Moon, 43 anos, foi colega de turma de Ana Lúcia de Magalhães Pinto, filha do ex-governador de Minas Gerais, José de Magalhães Pinto, dono do Banco Nacional. Elas estudaram na Escola Municipal Ciccio Barcellos, em Copacabana, na década de 60. “Tive um ataque de populismo e matriculei meus filhos numa escola do governo. É claro que foi o caos. A escola pública de hoje não tem mais nada a ver”, reclama a jornalista, que também estudou no Colégio Estadual Pedro Álvares Cabral. (T.A.)

Adriana Lorete



Ex-aluna da rede pública, Scarlet Moon viu caos com os filhos